

## A Segunda Tese: a importância da tese inédita de Cleonice Berardinelli para os estudos pessoanos

Carlos Pittella\*

*Magistra semper Magistra,  
aliquando dormitat bona thesis!*

### Palavras-chave

Fernando Pessoa, Cleonice Berardinelli, Jacinto do Prado Coelho, história dos estudos pessoanos, teses pessoanas, primeiras dissertações, poesia e poética, lingüística e literatura, análises estatísticas, escola estético-estilística espanhola, irmãos Alonso, irmãos Campos.

### Resumo

Em 1958, Cleonice Berardinelli apresentou sua tese de livre-docência *Poesia e Poética de Fernando Pessoa*, que permanece inédita. Trata-se da primeira tese escrita sobre Fernando Pessoa no Brasil, e a segunda no mundo. Em 1958, a obra de Fernando Pessoa conhecida limitava-se aos textos que o poeta tinha publicado em vida e aos volumes editados pela Ática desde 1942. A série da Ática, embora intitulada *Obras Completas de Fernando Pessoa*, representa apenas uma pequena parcela do que hoje contemplamos como a obra pessoana, que em parte permanece inédita (por exemplo, apenas metade da obra de Pessoa em Inglês está editada). Embora o *corpus* pessoano estudado por Cleonice Berardinelli tenha sido, pois, bastante limitado quando comparado ao *corpus* hoje conhecido, as lições e a metodologia de sua tese pioneira permanecem atuais, especialmente o seu emprego de estatística para defender argumentos literários e o seu tratamento transdisciplinar de Lingüística e Literatura. Reproduzem-se aqui, portanto, excertos da tese inédita de Cleonice Berardinelli, acompanhadas de comentários sobre sua atualidade e importância para os estudos pessoanos.

---

\* Pesquisador associado ao Centro de Estudos de Teatro (CET) da Universidade de Lisboa (FLUL).

## I. As Primeiras Teses

Em 1861, os primeiros graus de doutoramento das Américas foram conferidos, pela Universidade de Yale, a três candidatos – cada um deles em uma área distinta do conhecimento: física, filosofia/psicologia e estudos clássicos (ROSENBERG, 1961: 388). Dentre as duas dissertações de ciências humanas, apenas a de estudos clássicos ainda é localizável, consistindo em meras seis páginas em Latim, inspiradas em Cícero, sobre a máxima “*Brevis Vita, Ars Longa*” (*idem*: 393). Embora seja a mais antiga tese de doutoramento nas Américas com alguma preocupação literária, certamente não seria a primeira dissertação sobre literatura – evento que talvez seja impossível de determinar.

Mesmo que regressemos à Grécia Antiga para defender certos trabalhos de Aristóteles (e.g. a *Poética*) como as primeiras elucubrações acadêmicas em prosa sobre uma obra poética (e.g. a obra de Homero), filósofos indianos já comentavam os poemas dos Vedas desde o século VI a.C. – quando se calcula que os primeiros *Upanishads* tenham sido compostos (OLIVELLE, 1998: 12-14). Se uma investigação dos primórdios das dissertações acadêmicas é algo impraticável – e, talvez, infrutífero –, um estudo do *papel* das dissertações não é. Independentemente do mérito de um trabalho em particular, ou da capacidade em geral de qualquer prosa capturar (ou não) a essência da poesia, podemos afirmar que a existência de uma dissertação sobre uma obra poética representa, por si só, a legitimação de um poeta pelo mundo acadêmico.

Nesse sentido, quando Maria Lúcia Dal Farra defendeu, em 1979, a primeira tese de doutoramento sobre Herberto Helder, o mundo acadêmico assinalava uma tentativa (ainda tímida) de assimilar, em seu cânone, o grande poeta lusófono da segunda metade do século XX. O grande poeta lusófono da *primeira* metade, Fernando Pessoa, já tinha começado a ser assimilado três décadas antes – numa proliferação vertiginosa de teses e artigos acadêmicos.

Hoje, em princípios de 2016, a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) indica a existência de aproximadamente 2200 trabalhos monográficos sobre a obra de Fernando Pessoa; o sistema de busca da PUC-Rio e a ferramenta HOLLIS de Harvard acusam, ambos, cerca de 1200 dissertações, a mais antiga dessas sendo “*Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*”, de Jacinto do Prado Coelho. Trata-se do trabalho que Prado Coelho, concorrendo a um lugar de Professor Extraordinário, apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1949 – um texto seminal que contou com pelo menos dez reedições e que, desde o seu surgimento, se tornou referência nos estudos pessoanos (LAMB, 1951: 180).

A segunda dissertação sobre Pessoa – a primeira fora de Portugal – foi a tese de livre-docência de Cleonice Berardinelli, “*Poesia e Poética de Fernando Pessoa*”, defendida em 1958 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (um dos primeiros trabalhos de livre-docência de mulheres no Brasil). Se a tese de Prado Coelho é

comumente referida em bibliografias pessoais, a tese de Berardinelli permanece inédita, quase sessenta anos após sua concepção; somente partes mínimas do trabalho foram publicadas pela autora como ensaios. Minha intenção aqui é, pois, resgatar a importância desta segunda tese para os estudos pessoais.

## II. A Estrutura da Segunda Tese

A tese de Cleonice Berardinelli organiza-se em duas grandes seções, “Temas e Constantes” e “Língua e Estilo”, a segunda delas com quase o dobro da extensão da primeira<sup>1</sup>. Reproduzimos abaixo o índice do trabalho:

### TEMAS E CONSTANTES

#### Os temas

##### I – *A febre de Além*

- O mistério do mundo
- A idéia da morte
- A angústia metafísica

##### II – *As raízes do desassossego*

- O vício de pensar
- A ausência de Deus
- A fugacidade da vida
- Irrealização
- A felicidade dos outros
- A busca do “eu”

##### III – *A fuga do real*

- O sonho
- A infância
- O adiamento

##### IV – *Nada vale a pena*

- Abulia e cansaço
- Tédio e solidão

#### As constantes

- A noite
- O mar
- Portos e naus
- O vento
- A chuva
- A névoa
- O silêncio
- O frio
- Presença da ausência

---

<sup>1</sup> No arquivo digital que Berardinelli gentilmente disponibilizou para este ensaio, a primeira parte estende-se por 91 e a segunda, por 163 páginas.

## LÍNGUA E ESTILO

### I – *Linguagem*

Substantivação

O adjetivo

O advérbio de modo e o adjetivo atributivo-adverbial

O verbo

### II – *Processos poéticos*

Aliteração

Reiteração

Enumeração

Estrutura dos poemas

### III – *Ritmo e metro*

Poemas ortônimos (volume I e V)

Ricardo Reis

Álvaro de Campos

Alberto Caeiro

Note-se que a primeira grande seção subdivide-se em duas metades, “Os temas” e “As constantes”. Os *temas* consistem nas grandes questões pessoais segundo a pesquisadora, identificados e exemplificados por meio de uma metodologia similar à empregada por Prado Coelho, o qual apresentara uma seção sinônima, intitulada “Os Motivos Centrais”, em sua própria tese. É ao tratar das *constantes* – e posteriormente da língua e estilo pessoais – que a metodologia de Berardinelli começa a distanciar-se da de Prado Coelho, oferecendo análises estatísticas que ainda hoje seriam originais e que, por isso, merecem ser resgatadas.

Antes de investigarmos a tese de Berardinelli, é mister abordar o seu ineditismo em si: em que medida esse trabalho permaneceu inédito e, principalmente, por quê?

## III. O Ineditismo da Segunda Tese

Embora jamais tenha sido publicada como livro, a tese de Berardinelli não é completamente inédita: primeiramente, porque a pesquisadora nunca deixou de estudar a obra pessoal, destilando conceitos-chave de seu trabalho de docência ao longo de uma prolífica carreira acadêmica; em segundo lugar, porque a pesquisadora publicou trechos da tese como ensaios independentes (vide BERARDINELLI 1959, 1960 & 2004) – ainda que tais publicações não somassem mais de 40 páginas dentre as mais de 300 de sua dissertação original<sup>2</sup>; em terceiro lugar, porque a professora brasileira enviou uma cópia física do seu trabalho acadêmico a Jacinto do Prado Coelho, o autor da primeira tese.

---

<sup>2</sup> São 266 páginas na versão re-datilografada em arquivo digital que Berardinelli gentilmente nos disponibilizou (um número menor devido simplesmente à maior densidade de caracteres/página).

A reação de Prado Coelho surgiu impressa em livro, na segunda edição – “refundida e acrescentada” – de sua tese. Além de mencionar o trabalho de Berardinelli em duas breves notas de rodapé ao corpo da sua dissertação original (PRADO COELHO, 1963: 110 & 152), o professor português publicava, na nova edição, um adendo sob o título “Notas à margem de alguns livros sobre Fernando Pessoa posteriores ao presente ensaio”. Nas notas #1 e #7 surgem referências pormenorizadas à tese de Berardinelli. A primeira menção encontra-se ainda na primeira página da nota #1:

1. Louvaram alguns críticos o presente ensaio sobre Fernando Pessoa por quase não ter considerado os dados biográficos. De facto, adoptei um método que me parece ter vantagens sobre outros: o da crítica textual (motivos, formas) mais descritiva do que explicativa. [...] Isto, porém, não quer dizer que outros métodos (o biográfico, o psicológico, o sociológico) não devam ser adoptados para a melhor compreensão da obra de Pessoa nas suas várias dimensões. Além do que, o plano a que me cingi permitiu-me deixar implícita a grandeza do poeta, mas não valorizar expressamente, dum ponto de vista estético, a sua obra – empresa fundamental a que já Cleonice Berardinelli lançou ombros, e que poderá conduzir a surpreendentes resultados se for levada a cabo com a orientação e a finura dum Dámaso Alonso, dum Amado Alonso ou dum Carlos Bousoño – para só me referir à escola estético-estilística espanhola.

(PRADO COELHO, 1963: 211-212)

Como interpretar a última frase de Prado Coelho na passagem acima? A qualificação “empresa fundamental a que já Cleonice Berardinelli já lançou ombros” aparenta ser um claro reconhecimento, pelo pioneiro português, do valor da tese da professora brasileira. Por outro lado, a segunda parte da mesma frase parece cancelar o elogio anterior, ao afirmar que tal empresa “poderá conduzir a surpreendentes resultados” (em tempo futuro e não presente), sugerindo que tais resultados ainda não teriam sido alcançados... e Prado Coelho estabelece uma condição para o conseguimento desses resultados: “se [tal empresa investigativa] for levada a cabo com a orientação e a finura dum Dámaso Alonso, dum Amado Alonso ou dum Carlos Bousoño – para só me referir à escola estético-estilística espanhola” (o que sugere que Prado Coelho não reconhecia tal “orientação” e “finura” no trabalho de Berardinelli, mas apenas a sua promessa).

Os irmãos Alonso, junto a Bousoño, formavam a tríade da escola estético-estilística espanhola, que influenciou enormemente a crítica textual das literaturas neolatinas na década de 1950, com suas análises das obras poéticas de Luis de Góngora, Pablo Neruda e Vicente Aleixandre, entre outros. Oito obras<sup>3</sup> dessa

---

<sup>3</sup> Na seção de “Obras gerais citadas” na bibliografia de sua tese, Berardinelli inclui:

ALONSO, Amado (1956). *Materia y Forma en Poesía*. Madrid: Gredos, Madrid.

\_\_\_\_ (1951). *Poesía y Estilo de Pablo Neruda*, 2ª. ed. Buenos Aires: Sudamericana.

ALONSO, Dámaso (1955). *Estudios y Ensayos Gongorinos*. Madrid: Gredos.

\_\_\_\_ (1950). “La Lengua Poética de Góngora”, in *Rev. de Filología Española*, Anejo XX, Madrid.

escola figuram na bibliografia (e em mais de dez notas) da tese de Berardinelli. Portanto, ao contrário do que o comentário supracitado de Prado Coelho dá a entender, a monografia de Berardinelli havia sido realizada com a evidente e confessa orientação da escola espanhola.

Entretanto, quando Berardinelli defendeu sua tese em fins da década de 1950, a escola estilística dos irmãos Alonso já cedia lugar à crescente influência do estruturalismo francês, que logo viria a dominar as análises literárias na década de 1960 (Roland Barthes publicava *Le Degré Zéro de l'Écriture* em 1953, e Claude Lévi-Strauss lançava *Anthropologie Structurale*<sup>4</sup> em 1958). A atenção primordial aos detalhes do texto passava, assim, à estrutura geral da obra – e a metodologia empregada por Berardinelli subitamente era vista como abordagem obsoleta (inclusive pela própria pesquisadora, que, em entrevista, me indicou esta como uma das razões para não ter publicado sua tese àquela altura).

#### IV. A Crítica que o Autor da Primeira Tese Fez à Segunda

A segunda menção à tese de Berardinelli feita por Prado Coelho é direta:

7. A monografia de Cleonice Berardinelli, *Poesia e Poética de Fernando Pessoa* (tese policopiada, Rio de Janeiro, 1958), é um estudo muito completo, análise despreconcebida dos temas e das formas, onde cumpre enaltecer o equilíbrio, a meticulosidade, a intuição dos valores estéticos, o rigor do método estilístico. Confortou-me ver como a autora, mesmo quando o não indica expressamente, adere aos meus pontos de vista, corroborando juízos por mim formulados e explorando filões por mim apontados. A principal objecção que o trabalho me suscita refere-se à dicotomia *matéria-forma*. Ao traçar o seu plano, Cleonice partiu do princípio de que, *grosso modo*, havia na obra de Pessoa unidade de matéria e diversidade de forma: “Quando estudamos os temas e as constantes, isto é, a matéria da poesia pessoana, timbramos em mostrá-la comum aos quatro nomes com que se apresenta o Poeta, pois que é *um só*; ao iniciarmos, porém, os nossos comentários sobre a forma, não podemos, de modo algum, ignorar as profundas diferenças que existem entre um poema de Campos e uma ode de Reis, entre os redondilhos de Pessoa e os versículos de Caeiro...” (págs. 145-145)<sup>5</sup>. Assim Cleonice nega, praticamente, esta verdade basilar da moderna crítica da poesia: a “forma exterior” corresponde necessariamente a uma “forma interior”, e ambas solidariamente definem um poema na sua individualidade. “Forma interior” pressupõe um modo, um estilo de pensar e de sentir. Em Fernando Pessoa e

---

ALONSO, Dámaso & BOUSOÑO, Carlos (1956). *Seis Calas en la Expresión Literaria Española*, 2ª. ed., Madrid: Gredos.

BALLY, Charles; RICHTER, Elise; ALONSO, Amado & LIDA, Raimundo (1942). *El Impresionismo en el Lenguaje*, 2ª. ed. Buenos Aires: Instituto de Filologia.

BOUSOÑO, CARLOS (1956). *La Poesía de Vicente Aleixandre*, 2ª. ed. Madrid: Gredos.

\_\_\_\_ (1952). *Teoría de la Expresión Poética*. Madrid: Gredos.

<sup>4</sup> Embora partes do livro de Lévi-Strauss tenham sido publicadas como artigos desde 1945, o ano do lançamento de *Anthropologie Structurale* (1958) permanece como marco do estruturalismo francês.

<sup>5</sup> p. 92 em minha versão re-datilografada da tese em arquivo digital.

heterónimos, há traços comuns temáticos e também de estilo, como há diferenças de atitude e de estilo. Não considerar uns e outros – afinidades que identificam e singularidades que traduzem a diversidade, a riqueza de modos de pensar e sentir – equivale a falsear a fisionomia da obra pessoana.

Segundo Cleonice Berardinelli, o que constitui “o cerne do poeta Fernando Pessoa” é “a sua febre de Além”. Por mim, em vez desta expressão, que, evocando o misticismo heróico da *Mensagem*, convém menos à restante obra de Pessoa e heterónimos, acho preferível “inquietação metafísica” ou algo semelhante. E prefiro definir o cerne espiritual de Pessoa pelo antagonismo entre o pressentimento do oculto e a lucidez corrosiva – donde a perplexidade irremediável e a disponibilidade para tudo no âmbito da clausura.

(PRADO COELHO, 1963: 225-227)

Podemos resumir a crítica de Prado Coelho em dois pontos principais: 1) a justificação da dicotomia matéria-forma empregada por Berardinelli e 2) a aplicabilidade da expressão “febre de Além” para representar o cerne espiritual da poesia pessoana.

A primeira destas questões parece-me um desentendimento semântico sobre como Prado Coelho e Berardinelli definem, diferentemente, “matéria” e “forma”. Decerto Prado Coelho refere um problema filosófico crucial, a intrínseca relação entre forma e matéria, até certo ponto indissociáveis na poesia. Contudo, Prado Coelho parece não perceber que Berardinelli com ele concordaria no que concerne a tal indissociabilidade – e que a dissociação matéria/forma é uma questão meramente pragmática, uma ferramenta de análise de quem separa as peças de um objeto para melhor entender o todo. Além disso, a distinção matéria/forma é o próprio título da obra seminal de Amado Alonso, cujas análises Prado Coelho apontara como modelo a que Berardinelli deveria aspirar: *Materia y Forma en Poesía* (Madrid: Gredos, 1956). Logo, Prado Coelho contradiz-se ao atacar uma obra com a mesma medida em que – segundo há pouco dizia – ela poderia ser elogiada.

Ao focar a “matéria” da poesia pessoana (temas e constantes) e sua “forma” plural (aspectos lingüísticos e estilísticos), Berardinelli é clara quanto a suas intenções: aplicar à obra do poeta português a análise estilística que os expoentes da escola espanhola aplicaram às poesias de Luis de Góngora (ALONSO, 1955), Vicente Aleixandre (BOUSOÑO, 1956) e Pablo Neruda (ALONSO, 1951); de fato, essas três análises contém subdivisões análogas à da tese de Berardinelli, principiando pelos temas identificados nas obras poéticas estudadas e passando à análise formal de suas ferramentas lingüísticas (sintaxe, ritmo, tropos).

Em sua segunda crítica – sobre a aplicabilidade de “febre de Além” – Prado Coelho equivoca-se ao dizer que esse termo, “evocando o misticismo heróico da *Mensagem*, convém menos à restante obra de Pessoa e heterónimos”. Berardinelli demonstrou (e.g. em BERARDINELLI, 1985/86: 2) que a expressão “febre de Além” tinha sido usada por Fernando Pessoa duas décadas antes da publicação de seu livro *Mensagem*, e antes mesmo da criação dos heterônimos Caeiro-Campos-Reis – um fato que Prado Coelho desconhecia. Assim, o termo poderia servir à poesia

peçoana como um todo, conforme argumenta a professora. Berardinelli contou-me, em entrevista, que chegou a apresentar este argumento, via carta, a Prado Coelho, posteriormente elaborando-o em artigos, tal como na passagem a seguir:

Em janeiro desse ano [1913], [Mário] Sá-Carneiro escreve uma carta ao melhor amigo [Fernando Pessoa], felicitando-o pelo título que escolhera para seus versos – *Gládio* – e aconselhando-o a não o revelar a ninguém, “não vá surgir nas montras das livrarias qualquer plaquette anémica e imbecil com esse nome”. No mesmo ano, em julho, Pessoa escreve um poema a que dá o mesmo título [*Gládio*]: escrito na primeira pessoa, é uma espécie de profissão de fé: “E esta febre de Além que me consome, / E este querer-justiça são Seu Nome / Dentro em mim a vibrar”. Quando, vinte e um anos depois, em 1934, apresentar *Mensagem* ao concurso instituído pelo Secretariado de Propaganda Nacional, este poema lá estará, com pequena alteração, entre as quinas do brasão português, simbolizando o Infante D. Fernando. Dois Fernandos irmanados pela mesma febre de Deus: “Cheio de Deus, não temo o que virá, / Pois, venha o que vier, nunca será / Maior do que a minha alma.”

(BERARDINELLI, 1985/86: 2)

Somando-se a mudança de paradigma analítico (da estilística para o estruturalismo) às críticas do autor da primeira dissertação sobre Fernando Pessoa, não é de admirar-se por que a tese de Berardinelli tenha permanecido inédita por quase sessenta anos, para a infelicidade dos estudos pessoanos.

## V. A Importância da Segunda Tese

Se a estilística da década de 1950 (dos irmãos Alonso e de Bousño) deu lugar ao estruturalismo francês (de Barthes e Lévi-Strauss) da década de 1960, curiosamente a primazia desse mesmo estruturalismo inspirado em Ferdinand Saussure veio e se foi. Desde a década de 1970, uma outra tríade de pensadores (os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, junto a Décio Pignatari<sup>6</sup>) vem aplicando um outro estruturalismo, inspirado na semiótica peirceana, que de certo modo resgata os estudos estilísticos espanhóis, acrescentando-lhes a novidade de análises estatísticas<sup>7</sup>. Assim, a tese de Berardinelli permaneceu inédita por tanto tempo, que sua metodologia, outrora obsoleta, voltou a ser de vanguarda – e as análises estatísticas abundam na tese de Berardinelli.

Em seu livro *Informação, Linguagem, Comunicação*, Pignatari (1971) introduz “estilística” e “estilo”, apresentando a análise estatística como uma nova ferramenta quantitativa para um campo do conhecimento que, até então, era visto como primordialmente qualitativo:

---

<sup>6</sup> Vide, na bibliografia deste ensaio, CAMPOS H. (1969), PIGNATARI (1971) e CAMPOS A. (1979), para indicarmos apenas uma obra de cada um dos membros deste estruturalismo peirceano.

<sup>7</sup> Pelo menos um argumento estatístico consta nas análises de Dámaso Alonso, que apresenta dois gráficos com proporções relativas de sonetos gongorinos (ALONSO 1955: 139 & 241).



O estilo de um escritor pode ser aferido por via estatística, pois depende da ocorrência e frequência de certas palavras, pares de palavras etc., e da ocorrência e frequência de certas estruturas gramaticais e/ou seqüências destas. Como diz Colin Cherry: “A qualidade chamada estilo é descrita parcialmente em termos estatísticos, pela extensão, riqueza ou pobreza do vocabulário, pelo número de sílabas das palavras, pela frequência relativa de sentenças de diferentes comprimentos e pelas diferentes estruturas gramaticais”.

As primeiras análises estatísticas do estilo literário foram realizadas pelo italiano Alfredo Niceforo, em 1919 e 1923; pelo matemático G. Udny Yule, em 1939, e pelo alemão Wilhelm Fuchs, em 1952. No Brasil, tivemos dois pioneiros: Bráulio do Nascimento (a quem agradeço as informações e correções sobre este tópico), que realizou trabalhos sobre contos de Mário de Andrade (“Contribuição à História Literária do Modernismo”, *Revista Branca*, n.º 23, junho de 1952) e Tullo Hostilio Montenegro, com sua *Análise Matemática do Estilo* (IBGE, 1956).

(PIGNATARI, 1971: 60)

Como a tese de Berardinelli, defendida em 1958, permanecia inédita em 1971 (e ainda hoje em 2016), Pignatari não pôde acrescentar, na passagem acima, a terceira pioneira das análises estatísticas no Brasil: Cleonice Berardinelli. Vejamos, como exemplo desse tipo de análise, uma nota de rodapé de Berardinelli sobre a constante pessoana “Noite”:

Do levantamento estatístico que fizemos dos oito volumes da poesia de F. Pessoa, chegamos ao seguinte resultado: em 79% dos poemas, não há referências a hora, o que é perfeitamente natural, numa poesia essencialmente subjetiva; em 2%, há mutação de dia para noite ou vice-versa; em 13% aparecem elementos noturnos (que estudaremos miudamente) e, em 6%, elementos diurnos: sol, céu azul, etc. Como se vê, a proporção dia/noite  $\frac{1}{2}$  [ou 6/13] é comprovadora do que dissemos. Além disso, a claridade do dia, a sua limpidez, o seu conteúdo de alegria e de vida vêm freqüentes vezes modificados por adjetivos ou frases que lhes atenuam o sentido. São bem raras as demonstrações de júbilo e confiança no dia que nasce:

(BERARDINELLI, 1958: 47)<sup>8</sup>

A professora prossegue a nota citando todas as (relativamente poucas) demonstrações de “júbilo e confiança no dia” que pôde encontrar na obra pessoana. O fundamental, porém, é que sua análise estatística, laborada numa década em que não havia computadores ou *internet*, emprestava uma quantidade palpável ao seu argumento – uma inovação no Brasil e no mundo dos estudos pessoanos e, naquela altura, ainda uma novidade nos estudos literários em geral.

Quando Cleonice Berardinelli defendeu sua tese em 1958, porém, a obra conhecida de Fernando Pessoa limitava-se aos textos que o poeta tinha publicado em vida e à série editada pela Ática desde 1942 (os “oito volumes” referidos por Berardinelli na passagem supracitada). A edição da Ática, embora intitulada *Obras Completas de Fernando Pessoa*, representa apenas uma pequena parcela do que hoje

---

<sup>8</sup> Nesta e em todas as citações da tese de Berardinelli, as páginas aqui indicadas são as do arquivo digital cedido pela autora – e não as páginas do exemplar datiloscrito original.

contemplamos como a obra pessoana, a qual permanece ainda em grande parte inédita (por exemplo, parte significativa da obra pessoana em Inglês está por editar; vide FERRARI & PITTELLA, 2014).

Nesse sentido, algumas estatísticas da tese de Berardinelli precisariam ser atualizadas, empregando-se, como *corpus*, não a edição *princeps* da Ática, mas volumes críticos tais como os da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) e os da nova coleção da editora Tinta-da-China.

## VI. Dois Argumentos Estatísticos da Segunda Tese

Apresentemos dois outros argumentos estatísticos de Berardinelli, a fim de melhor representar sua relevância. Trata-se de duas brilhantes considerações sobre adjetivos e advérbios<sup>9</sup> na obra pessoana<sup>10</sup>.

### O adjetivo

É o adjetivo o elemento fundamental da caracterização dos seres e, como tal, principal responsável pela expressividade do estilo.

Em poesia, a expressão importa bem mais que a significação e assim parece-nos capital a valoração dos principais aspectos da adjetivação no poeta que vimos estudando.

Abundantes e variadíssimos, distribuem-se irregularmente os adjetivos na obra de Pessoa:

<i>Volumes</i>	<i>Nº de Adjetivos</i>	<i>Nº de versos</i>	<i>Percentagem</i>
I	986	2575	38,29%
II	2435	4904	49,65%
III	539	1566	34,44%
IV	796	1723	46,19%
V	244	582	41,92%

Grande número dêles não são comuns aos cinco volumes, havendo vários que só figuram num ou dois; os que o são, aparecem geralmente em proporção muito desigual. É mesmo singularmente pequeno o número de adjetivos encontrados em todos: apenas dezenove (*alto, antigo, azul, branco, calmo, confuso, divino, escuro, eterno, falso, frio, grande, inútil, longínquo, morto, negro, novo, triste, único*) num total de 5.000, ao passo que mais de oitocentos só figuram num dêles. Há, pois, um pequeno lastro comum na adjetivação de Pessoa e seus heterônimos, quase todo êle constituído, como seria de esperar, dos adjetivos mais repetidos pelo Poeta.

(BERARDINELLI, 1958: 107-108)

---

<sup>9</sup> A análise dos advérbios foi de fato publicada pela autora como artigo independente (BERARDINELLI, 1959 & 2004).

<sup>10</sup> Lembre-se o leitor de que, aquando da defesa de tese de Berardinelli, a “obra pessoana” consistia, basicamente, nas edições da Ática.

### O advérbio de modo

É do realismo que data o emprêgo mais freqüente dos advérbios de modo que, até então, eram usados com parcimônia, como elementos sem grande valor expressivo.

Eça de Queiroz, utilizando-os de maneira inovadora na língua portuguesa, obtém efeitos surpreendentes de condensação e expressividade e dá-lhes definitivos foros de cidadania. cremos mesmo que nenhum outro prosador da nossa língua soube ou quis usá-los tão profundamente. Dissemos prosador e isso porque, de um modo quase absoluto, os poetas empregam em menor escala os advérbios em *-mente*. Dum rápido levantamento de alguns poetas ou obras poéticas de realismo para cá, chegamos aos seguintes resultados:

<i>Poetas</i>	<i>Obras</i>	<i>Percentagem</i>
Guerra Junqueiro	<i>Os simples</i>	0,65%
Eugênio de Castro	<i>Oaristos, Silva e Horas</i>	1,74%
Antônio Nobre	<i>Só</i>	0,26%
Cesário Verde	<i>O livro de Cesário Verde</i>	2,51%
Camilo Pessanha	<i>Clepsidra</i>	1,42%
Mário de Sá-Carneiro	<i>Poesia</i>	1,20%
Afonso Duarte	<i>Obras completas</i>	0,20%
José Régio	<i>Poemas de Deus e do Diabo</i>	0,91%
Fernando Pessoa	I, II, III, IV, V	2,94%

Diante da grande percentagem encontrada em Fernando Pessoa, procedemos a sua determinação por volume estudado e concluímos que Fernando Pessoa êle mesmo (I e V) raramente emprega o advérbio, que Ricardo Reis, formando ao lado da maioria, usa-o sòbriamente, enquanto Alberto Caeiro o faz numa freqüência comparável à de Cesário Verde. Quanto a Álvaro de Campos [F. Pessoa II], o seu caso é único na poesia portuguesa, só encontrando símile entre os prosadores.

<i>Poeta</i>	<i>Obra</i>	<i>Nº de versos</i>	<i>Nº de advérbios</i>	<i>Percentagem</i>
F. Pessoa	I	2575	25	0,97%
F. Pessoa	II	4904	238	4,85%
F. Pessoa	III	1566	39	2,49%
F. Pessoa	IV	1723	25	1,45%
F. Pessoa	V	582	4	0,68%

Como explicar que Caeiro [FP III] e Cesário Verde se aproximem um do outro, afastando-se dos demais? Por uma comum preocupação de realidade – natural em Cesário, buscada em Caeiro? É o que nos parece. E Álvaro de Campos? O afã de exprimir o real – descontínuo, embora – explicaria, como para os anteriores, o uso abundante do advérbio; mas como lhe interpretar a superabundância? A resposta talvez esteja contida na pergunta formulada. Superabundância = excesso. E tóda a poesia de Campos ressuma excesso: excesso de emoção (é Pessoa quem diz: “Álvaro de Campos, o mais histèricamente histérico de mim”, no qual “pus... tóda a emoção que não deu nem a mim nem à vida”), que extravaza, irreprimível, em desabafos de alma ansiosa ou torturada, num excesso de expressão em que se acumulam os mais variados processos intensivos e iterativos.

(BERARDINELLI, 1958: 139-141)

## VII. Uma Atualização, à Guisa de Conclusão

Embora o *corpus* estudado por Cleonice Berardinelli tenha sido bastante limitado quando comparado ao que hoje conhecemos, as lições e a metodologia da segunda tese pessoana permanecem atuais: suas conclusões podem ser atualizadas; seus argumentos, levados adiante.

À guisa de conclusão, busquemos um argumento quantitativo para o estudo da poesia do heterônimo Alberto Caeiro e o seu “vício de pensar”, que é como Berardinelli nomeia um dos grandes temas pessoanos:

São estas as raízes do seu desassossego, gerador da angústia. Começo pelo vício de pensar. Poucas palavras terão sido mais usadas pelo Poeta do que “pensar” e “pensamento” e, coisa curiosa, quem mais as emprega é aquele dos heterônimos que nega sistematicamente o seu significado – Alberto Caeiro:

“... pensar é não compreender... / [...] / (Pensar é estar doente dos olhos) / E a única inocência é não pensar...”

A sua insistência em dizer que não pensa nada do mundo, que não sabe o que pensa, que se põe a rir quando vê outros pensar, é ainda a afirmação paradoxal desse excesso de pensar contra o qual Pessoa tenta reagir, embora sabendo que nunca se livrará do “espinho essencial de ser consciente”.

(BERARDINELLI, 1958: 12)

Dois cálculos poderiam fortalecer o argumento de Berardinelli: 1) contar as vezes em que a raiz *pens-* (de *pensar* e *pensamento*) surge na poesia caeiriana, e suas proporções relativas aos números de versos e de poemas; 2) comparar tais proporções com as encontráveis nas obras de Ricardo Reis, Álvaro de Campos e do ortônimo Fernando Pessoa. Como a segunda tarefa demandaria um artigo à parte, tentemos aqui realizar a primeira. A partir da ed. da INCM da obra de Caeiro (PESSOA, 2015), elaboremos uma tabela com o número de poemas, versos e ocorrências da raiz *pens-* nas três partes da poesia caeiriana:

	<i>O Guard. de Rebanhos</i>	<i>O Pastor Amoroso</i>	<i>Poemas Inconjuntos</i>	TOTAL
poemas	49	7	72	128
versos	1019	82	827	1928
<i>pens-</i>	76	12	55	143
<i>pens-/poemas</i>	155%	171%	76%	112%
<i>pens-/versos</i>	≈8%	≈15%	≈7%	≈7%

Como interpretar esses números? Em primeiro lugar, note-se que em duas partes da poesia caeiriana há mais ocorrências da raiz *pens-* do que há poemas – o que também vale para a obra caeiriana como um todo (112%, ou seja, a média de 112 ocorrências de *pens-* para cada 100 poemas). Considerando-se o número de versos, 7% deles apresentam a raiz *pens-* (nos poemas de *O Pastor Amoroso*, esse número é mais que o dobro, 15%).

Esses cálculos oferecem suporte quantitativo à asserção de que Alberto Caeiro pensa o tempo todo em não pensar. Para levar o argumento adiante, poderíamos gerar tabelas análogas para o ortônimo e Campos/Reis e, assim, comprovar que Caeiro seria o maior usuário pessoano do verbo pensar.

Há, pois, uma diferença entre apenas exemplificar e exemplificar-e-medir, diferença que, desde o seu estudo pessoano pioneiro, Berardinelli mostrou, mas que Prado Coelho não viu – e que o mundo dos estudos literários enfim começa a perceber.

## Bibliografia

- ALONSO, Amado (1956). *Materia y Forma en Poesía*. Madrid: Gredos, Madrid.
- \_\_\_\_ (1951). *Poesía y Estilo de Pablo Neruda*, 2ª. ed. Buenos Aires: Sudamericana.
- ALONSO, Dámaso (1955). *Estudios y Ensayos Gongorinos*. Madrid: Gredos.
- \_\_\_\_ (1950). “La Lengua Poética de Góngora”, in *Rev. de Filología Española*, Anejo XX, Madrid.
- BARTHES, Roland (1953). *Le Degré Zéro de l'Écriture*. Paris: Éditions du Seuil.
- BERARDINELLI, Cleonice (2004). “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”, in *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, pp. 20-36.
- \_\_\_\_ (1985/86). “Mensagem”, in *Rev. Letras U.F.C. Fortaleza*, jul./dez. 1985 & jan./jun. 1986, pp. 1-12.
- \_\_\_\_ (1960). “A Presença da Ausência em Fernando Pessoa”, sep. de *Ocidente*, Vol. LIX, Lisboa, pp. 309-317.
- \_\_\_\_ (1959). “Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa”, in *Ibérica*, n.º 1, Rio de Janeiro, pp. 239-241.
- \_\_\_\_ (1958). *Poesia e Poética de Fernando Pessoa*, tese para concurso à docência de Literatura Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ.
- BOUSOÑO, CARLOS (1956). *La Poesía de Vicente Aleixandre*, 2ª. ed. Madrid: Gredos.
- CAMPOS, Augusto (1979). *Verso Reverso Controverso*. São Paulo: Perspectiva.
- CAMPOS, Haroldo (1969). *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo: Perspectiva.
- DAL FARRA, Maria Lúcia (1979). *A Alquimia da linguagem leitura da Cosmogonia Poética de Herberto Helder*, tese de doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo. [Publicada em Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986].
- FERRARI, Patricio; PITTELLA, Carlos (2014). “Four Unpublished English Sonnets (and the Editorial Status of Pessoa’s English Poetry)”, in *Portuguese Literary & Cultural Studies* (special issue: *Fernando Pessoa as English Reader and Writer*), n.º 28, pp. 227-246.
- LAMB, N. J. (1951). “Portuguese Studies”, in *The Year’s Work in Modern Language Studies*, Vol. 13, Modern Humanities Research Association, pp. 176–181.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1958). *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon.
- OLIVELLE, Patrick (1998). *The Early Upanishads*. Oxford: Oxford University Press.
- PESSOA, Fernando (2015). *Poemas de Alberto Caeiro*. Edição crítica da obra de Fernando Pessoa, série maior, vol. IV. Ed. Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PIGNATARI, Décio (1971). *Informação, Linguagem, Comunicação*. São Paulo: Perspectiva.
- PRADO COELHO, Jacinto do (1963). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 2ª ed. refundida e acrescentada. Lisboa: Editorial Verbo.
- ROSENBERG, Ralph P. (1961). “The First American Doctor of Philosophy Degree: A Centennial Salute to Yale, 1861-1961”, in *The Journal of Higher Education*, Vol. 32, No. 7 (Oct.), Columbus, Ohio State University Press, pp. 387-394.